

D. Pedro II – Um tradutor no trono do Brasil

Aluna: Anna Olga Prudente de Oliveira
Orientadora: Márcia Amaral Peixoto Martins

Introdução

Em diversas épocas, soberanos com sólida formação humanística se voltaram para a tradução; foram tradutores e/ou grandes incentivadores da prática tradutória. Podiam ter como objetivo a transmissão de um patrimônio literário aos súditos, a disseminação de conhecimento, a afirmação de uma identidade nacional através do fortalecimento da língua, ou simplesmente o exercício de habilidades lingüísticas. Nessa área, há muitos estudos acerca de Alfredo, o Grande (Inglaterra, séc. IX), tradutor de obras do latim para o inglês; Afonso X, o Sábio, patrono da Escola de Tradução de Toledo (séc. XIII); e D. Luís de Bragança, de Portugal, tradutor de Shakespeare (séc.XIX).

No Brasil, D. Pedro II foi um grande mecenas das artes e da ciência. Conhecido por sua erudição, o imperador se dedicou à leitura e aos estudos ao longo de toda a vida. Voltou-se especialmente para o aprendizado de idiomas; estudou grego, latim, inglês, francês, italiano, provençal, alemão, tupi, guarani, hebraico, sânscrito e árabe. Embora também tenha sido tradutor, até o momento, há poucas pesquisas a respeito dessa atividade exercida pelo monarca brasileiro.

Objetivos

Com o objetivo de preencher essa lacuna e contribuir para a história da tradução no Brasil, investigamos a atuação tradutória de D. Pedro II. Buscamos mapear sua produção nessa área, determinar suas idéias e atitudes acerca da atividade e, na medida do possível, identificar as estratégias tradutórias adotadas.

Metodologia

Analisamos biografias e artigos que mencionam a atividade tradutória do imperador e procuramos encontrar os textos traduzidos. A reunião dessas traduções para análise foi difícil, pois a maioria não se encontra publicada ou disponível em meio digital. Alguns autores de artigos que comentam algumas traduções não informam onde estas podem ser encontradas. Grande parte das traduções feitas por D. Pedro é de poemas e textos religiosos da tradição judaica e da católica. Por ser poliglota e traduzir por prazer, fazia traduções entre vários pares de línguas, nem sempre identificadas nas fontes disponíveis. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) encontra-se a tradução manuscrita do hebraico para o latim dos quatro capítulos do Livro de Ruth (lata 311 pasta 34), narrativa do antigo testamento que mostra os princípios que devem reger a comunidade judaica. Também está disponível para consulta (arquivo 84.4.24) o livro de poesias e traduções do imperador organizado pelos netos D. Pedro e D. Luiz, filhos da princesa Isabel [1]. São apresentados 10 sonetos de sua autoria e traduções de 26 poemas, 2 canções, 2 passagens da Divina Comédia e 7 cantos religiosos. A maior parte das traduções é de poemas originais em francês. O imperador traduziu poetas que admirava: Victor Hugo, Sully Prudhomme, Leconte de Lisle, Félix Anvers, Henry Longfellow, John Whittier, Alessandro Manzoni, entre outros. D. Pedro traduziu também autores que o motivaram por razões particulares; como é o caso de um poema

feito em sua homenagem pelo comandante do navio no qual viajou. No livro de 102 páginas, impresso pela Typografia do Correio Imperial, em Petrópolis, em 1889, não há prefácio(s) ou comentários às traduções.

Na primeira parte do livro, com o subtítulo *SONETOS*, são apresentados 10 sonetos de autoria do imperador. A seguir vêm as traduções, com o subtítulo *VERSÕES*. Relacionamos abaixo os títulos das traduções com o nome do autor, assinalando entre parênteses quando o original consta ao lado da tradução.

- Episódio do Conde Ugolino, *Divina Comédia*, Dante Alighieri
- Episódio de Francisca de Rimini, *Divina Comédia*, Dante Alighieri
- Ode “Cinco de Maio”, tradução de “Il Cinque Maggio”, de Alessandro Manzoni
- “A canção dos latinos”, traduzida da versão em italiano “La Canzone dei Latini” de canção provençal feita por Leonida Olivari (acompanhada da versão em italiano)
- Soneto “A Aloys Blondel”, tradução de “A Aloys Blondel”, de François Coppée (acompanhado do original francês)
- Soneto de Félix Anvers, intitulado simplesmente “Sonnet” (acompanhado do original francês)
- Poema “A Passiflora”, tradução de “La Passiflore”, da Condessa de Chambrun (acompanhado do original francês)
- Soneto de D. Mon, intitulado simplesmente “Sonnet” (acompanhado do original francês)
- “Soneto a Coquelin”, tradução de “Sonnet a Coquelin”, de Jean Richepin, (acompanhado do original francês)
- Soneto de Sully Prudhomme, intitulado simplesmente “Sonnet” (acompanhado do original francês, cujo início é “Il est tard...”)
- Soneto de Sully Prudhomme (acompanhado do original francês, cujo início é “La Grande Ourse...”)
- Soneto “O magistrado”, tradução de “Le Magistrat”, de Rigaud, presidente do Tribunal da Relação d’ Aix, que o escreveu em homenagem a esse tribunal (acompanhado do original francês)
- Soneto “A terra natal”, tradução de “Le sol natal”, de Rigaud, escrito em homenagem à aldeia de Pourrières (acompanhado do original francês)
- Soneto do General Carnot intitulado simplesmente “Sonnet” (acompanhado do original francês)
- Soneto “O beija-flor”, tradução de “Le colibri”, de Leconte de Lisle (acompanhado do original francês)
- Soneto “A La mignarda”, tradução de “A la Mignarde”, de Rigaud (acompanhado do original francês)
- “O Adeus”, tradução de “Les Adieux”, do *journal l’Illustration* de dezembro de 1887 (acompanhado do original francês)
- Soneto de Helena Vacaresco, intitulado simplesmente “Sonnet” (há duas traduções diferentes do mesmo soneto, acompanhadas do original francês)
- Poema de seis estrofes “Cantiga de Nadaud”, tradução de “Chanson de Nadaud”, escrito para servir de prefácio às *Canções de Béranger* (acompanhado do original francês)

- Poema “O besouro”, tradução de “Le Hanneton”, de Gustave Nadaud (acompanhado do original francês)
- Versos de Gustavo Nadaud, tradução de “Vers de Gustave Nadaud”, escritos sob o retrato da Duquesa Colonna pintado por ela mesma (acompanhados do original francês)
- Poema “A borboleta e a flor”, tradução de “Le papillon et la fleur”, de Victor Hugo (acompanhado do original francês)
- Estâncias (estrofes) em homenagem a S. M. o Senhor D. Pedro de Alcântara, escritas por Alfredo Theulot a bordo do navio Congo (acompanhado do original francês)
- Poema “A sua majestade Dom Pedro II”, tradução dos versos do comandante Moreau (acompanhado do original francês)
- Poema dedicado a Chapelle e Bachaumont na sua viagem pela Provença (acompanhado do original francês)
- Versos d’Ernesto Heller à morte do poeta Dranmor (Schmidt) (acompanhados do original alemão)
- Epigrama feito pelo Dr. Dodderige (acompanhado do original inglês)
- Poema “O choro d’uma alma perdida”, tradução de “The cry of a lost soul”, de John Whittier
- Poema “O canto do siciliano: El rei Roberto da Sicília”, tradução de “The Sicilian's Tale: King Robert of Sicily”, de Henry Longfellow
- Poema “Aos mortos de Sahati”, tradução de “Ai morti di Sahati”, de Luigi Nobrega (acompanhado do original italiano)
- Cantos religiosos “Miserere” (Salmo L.), “Oh Salutaris Hostia”, “Panis Angelicus”, “Ave, verum”, “Pange lingua”, “Vexilla regis”, “Stabat mater”.

Ao fazermos uma microanálise de alguns poemas do livro, vemos que D. Pedro tinha uma preocupação formal; buscava seguir um contrato métrico e um esquema de rimas. No entanto, há casos em que a regularidade silábica não se mantém. Em *O beija flor*, tradução do soneto *Le Colibri* de Leconte de Lisle, há uma variação silábica nos versos, enquanto o original é em versos decassílabos. Notamos também que D. Pedro segue o padrão erudito característico de sua época (século XIX): a valorização da cultura francesa e de seu modelo literário. Ao traduzir poemas do inglês para o português, *O Canto do Siciliano* de Longfellow e *O choro d’uma alma perdida* de Whittier, ambos em pentâmetros, D. Pedro utiliza a versificação clássica francesa: versos alexandrinos (dodecassílabos).

Em 1891, o imperador traduziu para o francês poesias hebraico-provençais do Ritual Israelita Comtadin [2]. No prefácio que fez às traduções, D. Pedro afirma ter realizado uma obra modesta, mas demonstra ter uma expectativa positiva em relação à recepção do trabalho; julga que este será bem recebido pelo público por razões de interesse histórico (centenário de anexação do Comtat Venaissin à França). Declara ainda que seus estudos hebraicos têm por objetivo conhecer melhor a história e a literatura dos judeus, sobretudo a poesia e os profetas, assim como as origens do Cristianismo.

Respeitado por sua erudição em todo o mundo intelectual da época, o imperador recebeu um grande elogio do poeta americano Longfellow [3], que afirmou ter se sentido honrado ao receber a tradução de seu poema *The Sicilian's Tale: King Robert of Sicily* realizada por D. Pedro, trabalho que considerou fiel e muito bem realizado.

Conclusão

As traduções de D. Pedro inserem-se no contexto de sua formação erudita. O estudo de um idioma, assim como a leitura de autores que admirava, lhe instigava o desejo de traduzir. O imperador não teve em relação à tradução um objetivo político de difusão da literatura, de escritores ou de culturas estrangeiras; tampouco uma proposta de trazer textos em outros idiomas para o português, pois, como vimos, traduziu do hebraico para o latim e para o francês. Suas traduções eram realizadas de acordo com seu gosto pessoal e com o objeto de estudo, ou apreciação, que lhe interessava em um dado momento.

Embora sua atividade tradutória esteja inserida em um contexto mais pessoal do que político, as traduções que D. Pedro realizou a partir do hebraico adquiriram relevância perante historiadores da cultura judaica que reverenciam a atuação do imperador na preservação da memória do povo judeu. Pesquisadores, como Shlomo Haramati da Universidade Hebraica de Jerusalém [4], ressaltam a importância do projeto tradutório de D. Pedro e o consideram um grande amigo do povo judeu pelo resgate de tradições que promoveu.

Referências

[1] ALCÂNTARA, D. Pedro de. *Poesias originaes e traducções de S. M. o Senhor D. Pedro II. Homenagem de seus netos*. Petrópolis: Typografia do Correio Imperial, 1889.

[2] LOEWENSTAMM, Kurt. *Imperador D. Pedro II: o hebraísta no trono do Brasil*. São Paulo: Centauro, 2002.

[3] LONGFELLOW House Bulletin Volume 4 No. 2 December 2000. *The Emperor and the Poet: Longfellow House's Brazilian Connection*. Disponível em: <http://www.longfellowfriends.org/bulletins/Vol4No2.pdf>. Acesso em 10 jul. 2009.

[4] HARAMATI, Schlomo (s.d.). “*D. Pedro II falava fluentemente hebraico*”. Tradução de Ephraim Knaan e Moshé Waldmann. Disponível em: <http://hebreu.blogspot.com>. Postado em 29 nov. 2008. Acesso em 10 jul. 2009.

Bibliografia

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.